

Editorial

A FÉ E AS MONTANHAS

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) registra queda no percentual de católicos no Brasil e em Minas Gerais, em relação a números anteriores. Trata-se da menor proporção de adeptos da religião desde que foi criado o Mapa das Religiões do Brasil, em 1872. Àquela época, o país registrava um impressionante percentual de 99,72% de católicos.

Claro, fatores diversos, ao longo dos anos, contribuíram para que o catolicismo fosse perdendo espaço. O mais importante, sem dúvida, foi o rápido e intenso crescimento dos evangélicos, que atingiram números marcantes, chegando a cerca de 20% da população. A Igreja Católica custou a entender as ferramentas desse marketing avassalador: interação com as plateias e o uso de meios de comunicação, com as TVs aberta e fechadas, abrindo espaços para a pregação. A modernidade chegou à religião.

Mas a pesquisa da FGV oferece outros indicadores. Observa-se o crescimento daqueles, ateus e agnósticos, que não têm religião, e a perda de fiéis mais significativa acontece exatamente entre os jovens. Estariam os mais novos cansados da permissividade e impunidade que se veem no Brasil? Ou, vendo que isso acontece sem maiores problemas, não estariam eles dispostos a abandonar regras e normas de conduta moral em nome do sucesso secular?

Orgulhoso de ser apontado como “o maior país católico do mundo”, o Brasil viu a religião perder mais de 30% de adeptos ao longo de quase 130 anos. No Estado do Rio de Janeiro, os estragos foram grandes: atualmente, apenas 49,83% da população adota o catolicismo como religião. Em Minas, o número sobe para 73,32%, conforme a tradição conservadora do Estado, mas, mesmo assim, houve queda em relação à avaliação anterior, feita em 2003.

A perda de terreno obriga a Igreja a reavaliar sua posição. Os próprios fiéis desta concordam que a instituição precisa se modernizar, seja repensando seu posicionamento diante de questões importantes seja na forma de se comunicar.